



1. A Torre de Babel

Naquele tempo, em todo o mundo, as pessoas falavam apenas um idioma. De acordo com o Gênesis, Noé e seus filhos saíram da arca e se comunicavam em uma única língua e vocabulário. À medida que os descendentes de Noé se multiplicavam, continuavam a usar a mesma língua, considerada suficiente. Eles habitavam no vale do Eufrates e nas áreas ao redor, reconhecidas como o local de origem da civilização. Os hebreus chamavam essa região de Sinear, originalmente situada ao norte da Mesopotâmia, e usavam esse termo para se referir a toda a região da Mesopotâmia. Como nômades, viajavam das montanhas do Ararate até as férteis planícies da Babilônia.

1 No mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar.

2 Saindo os homens do Oriente, encontraram uma planície em Sinear e ali se fixaram.

3 Disseram uns aos outros: "Vamos fazer tijolos e queimá-los bem". Usavam tijolos em lugar de pedras, e piche em vez de argamassa.

4 Depois disseram: "Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra".

5 O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo.

6 E disse o Senhor: "Eles são um só povo e falam uma só língua, e começaram a construir isso. Em breve nada poderá impedir o que planejam fazer.

7 Venham, desçamos e confundamos a língua que falam, para que não entendam mais uns aos outros".

8 Assim o Senhor os dispersou dali por toda a terra, e pararam de construir a cidade.

9 Por isso foi chamada Babel, porque ali o Senhor confundiu a língua de todo o mundo. Dali o Senhor os espalhou por toda a terra.

Quando os descendentes de Noé que se dirigiram para o leste encontraram um local adequado para se estabelecerem permanentemente, decidiram erguer uma cidade.

Planejavam erguer uma torre imponente, tão alta que seu topo tocaria a "abóbada" acima deles. Essa imponente estrutura lhes conferiria destaque perante os outros homens e até mesmo perante Deus. O objetivo do empreendimento era duplo: primeiro, desejavam garantir a força proveniente da união.

A cidade e a torre eram vistos como elementos que os uniriam em um grupo coeso, tornando-os poderosos - mesmo sem depender de Deus. A ideia era evitar a dispersão, enquanto buscavam fama, dizendo: "Para que não sejamos espalhados". No entanto, também almejavam reconhecimento - "tornemos célebre o nosso nome em Gênesis (Comentário Bíblico Moody)".

Esses pecados de auto-suficiência e orgulho permeavam seus pensamentos, desejando garantir que não fossem esquecidos. A torre seria o elo que os manteria unidos e preservaria suas memórias. Desafiaram Deus e decidiram provar sua auto-suficiência, construindo uma estrutura imponente como um testemunho de sua energia, coragem, inteligência e recursos. Muitas cidades grandiosas, como Babilônia, Sodoma, Gomorra, Sidom, Tiro e Roma, tiveram riquezas, mas faltaram uma estrutura moral. Quando os seres humanos negligenciam a lei e a graça de Deus, exaltando-se a si mesmos, a catástrofe se torna inevitável.

Confundindo a linguagem do povo, Jeová compreendeu o espírito, a motivação e os planos egoístas daqueles rebeldes. Ele imediatamente decidiu frustrar seus planos tolos, fazendo com que aquilo que tentavam evitar caísse de repente sobre eles. Deus interveio para que ninguém mais se entendesse. A palavra "Babel" é derivada de "Babilônia", embora os especialistas hebraicos argumentem que não se origina de "beilal", que significa "confundir" ou "misturar", mas sim de "portão de Deus". Posteriormente, por meio de um jogo de palavras, passou a representar "confusão".

A palavra aramaica "bailel" também significa "confusão". Alan Richardson sugere que o dom das línguas concedido no Pentecostes (Atos 2:5-11) pode ser visto como o oposto da confusão de línguas em Babel. Ele afirma que enquanto os homens se vangloriam de suas próprias conquistas, a consequência é a divisão, a confusão e a falta de entendimento, mas quando são proclamadas as maravilhas de Deus, cada pessoa pode ouvir o evangelho apostólico em sua própria língua.

2. Ninrode e sua cidade edificada

Ninrode, Nimrod ou Nenrode é um personagem bíblico, filho de Cuxe e Semíramis, neto de Cam e bisneto de Noé, os remanescentes do dilúvio. Ninrode significa rebelar ou rebelião. O seu nome já aponta para seu legado. O Desejo de Ninrode era o oposto ao desejo de Deus. O Senhor ordena que os filhos de Noé se espalhem por toda a terra e façam o nome de Deus grande, mas Ninrode estabelece uma cidade e através dela deseja fazer o seu nome grande.

Há provas de que Ninrode construiu a Torre de Babel?

Em 1872, George Smith traduziu um antigo tablete cuneiforme para o Museu Britânico, descrevendo a construção de uma imensa torre que resultou na confusão das línguas dos povos. Mais tarde, Oliver Gurney, da Universidade de Oxford, decifrou outro tablete contando a história de um caçador poderoso chamado Enmerkar ou Enmerukar, que, como Nimrod, o caçador de Babel, ergueu uma torre. Em certo ponto da obra, ele pediu pela restauração da unidade linguística entre seus trabalhadores. Enmerkar e Nimrod podem ser a mesma pessoa, cujas histórias foram preservadas em diferentes documentos - uma na Bíblia e outra nos registros sumérios. A arqueologia tem demonstrado que as cidades da Mesopotâmia, o berço da civilização humana, começaram com a construção de torres enormes, com propósitos rituais e de proteção contra inundações. Estas torres, chamadas Zigurates, são semelhantes ao relato presente na Bíblia.

Cerca de trinta zigurates foram catalogados. *O que é um zigurate?* O zigurate é um tipo de templo desenvolvido pelos sumérios e posteriormente adotado pelos babilônios e assírios. Essa estrutura imponente tem a forma de uma pirâmide com múltiplos andares sobrepostos, culminando em um templo no topo. A sua finalidade era proteger contra inundações, como o Dilúvio, e elevar a reputação dos homens, desafiando assim os deuses. Construções semelhantes podem ser encontradas no México, conhecidas como pirâmides maias, e em outros locais, como no Egito. Todas essas estruturas descendem da ideia original de Ninrode, que buscava engrandecer o seu nome.

O Historiador judeu Flávio Josefo, em seu trabalho "Antiguidades Judaicas", descreve Ninrode como um tirano poderoso que constantemente tentava afastar as pessoas de Deus. Ele encorajava a confiança na própria força e via a submissão a Deus como uma forma de escravidão.

Josefo atribui a Ninrode a construção da Torre de Babel, motivada pelo desejo de se vingar de Deus caso Ele decidisse inundar a terra novamente. Essa torre, de acordo com Josefo, reunia a humanidade em um único lugar, indo contra a ordem divina de dispersar a humanidade pela terra (Gênesis 9:7).

Reflexão

Babel é o principal exemplo do desejo humano de excluir a participação divina em suas vidas após a queda. Em nenhum momento se menciona Deus em seus planos. Deus não estava presente nos planos do vale de Sinar. "Vamos nos tornar famosos!" é o oposto do que vemos em Gênesis 12, onde é Deus quem inicia ao prometer a Abraão que fará dele uma grande nação.

Ao observar atentamente, perceberá que aqueles que buscaram a fama ao construir cidades tiveram destinos trágicos. Exemplos incluem Cesareia, erguida por Herodes, e Alexandria, fundada por Alexandre, o Grande, entre outras.

A construção da Torre de Babel foi um marco no desenvolvimento da cidade, ambas criadas para tornar seus construtores famosos em todo o mundo. A busca pela fama pode corromper o ser humano, muitas vezes sem perceber. O objetivo na construção da torre pelo povo de Sinar era a tentativa de alcançar o céu sem a intervenção divina.. Eles planejavam erguer uma torre para chegar aos céus, tentando evitar a presença de Deus em suas vidas. O aspecto mais preocupante é observar, dentro do povo de Deus, indivíduos em busca de fama, dinheiro e riquezas. No reino de Deus, ninguém deveria buscar notoriedade, mesmo que alguns pensem o contrário.

Síndrome é o conjunto de sinais que identifica uma doença. Podemos notar um conjunto de comportamentos no meio do povo de Deus que indica a presença da "síndrome de Babel", incluindo busca por fama, notoriedade, dinheiro, poder, entre outros.

Busque ser útil e lute por isso, aspirando ter significado no que faz. (I Tm. 3:1 e I Co. 14:1). No entanto, é crucial ter cuidado com a ambição descontrolada. A queda do homem ocorreu devido ao desejo de se igualar a Deus. Em um momento, ele buscou ser relevante, não se contentando em ser simplesmente humano, desejando mais. Existem medidas limitadas, como quilogramas, centímetros, litros, todas com capacidade definida pelo seu tamanho, mas há duas sem limites: o "TER" e o "SER". Eles nunca são saciados. O ser humano sempre deseja mais.

3 - A instituição do Governo humano

“Antes do dilúvio não havia nenhum governo humano. Todo homem tinha liberdade para seguir ou rejeitar qualquer caminho [...] Mas, após a saída da arca, Deus instituiu um governo terrestre que serviria de freio sobre os delitos dos homens. A ordem divina foi esta:

“Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu” Gn 9.6.

A pena capital é a função de maior seriedade do governo humano, e uma vez que Deus concedeu ao homem essa responsabilidade judicial, automaticamente todas as demais funções de governo foram também conferidas. O governo humano, assim constituído, exercendo a prerrogativa da pena capital, foi e é sancionado pelo próprio Deus como um meio de deter os desobedientes (Rm 13.1-7; I Tm 1.8-10).

A investidura dessa autoridade e responsabilidade no homem foi uma novidade do novo pacto de Deus com os homens após o Dilúvio” Vejamos os aspectos humanos e divinos neste governo:

- **Autoridade.** Porém, mesmo antes de dar um código de leis a Israel (Êx 20.1-17; Dt 5.1-21), Deus ordenou a pena capital (Gn 9.6), visando a preservação da vida. Como os antediluvianos tinham enchido o mundo com violência e derramamento de sangue (Gn 6.5-7, 11,12), Deus instituiu a pena de morte para garantir à humanidade a preservação da vida.
- **A intervenção divina.** Embora Deus haja delegado o governo do mundo ao homem, continua Ele a comandar todas as coisas. A Bíblia registra diversos exemplos de intervenções divinas na história das nações, como interveio em Sodoma e Gomorra (Gn 19.24-30); no Egito (Êx 7.19 a 14-31); na Babilônia (Dn 4.32-34; 5.21); na Assíria (II Rs 19.35); e, principalmente, na história de Israel.

4 - Dispensação do Governo humano

Definição de Dispensação.

“Período de tempo durante o qual a humanidade é moralmente responsável diante de Deus em relação à consideração, respeito e obediência demonstrada para com a sua palavra. Trata-se de um período moral ou período probatório da história humana ou angelical. Cada dispensação tem o seu próprio começo e fim. Em cada dispensação Deus tem um propósito específico e definido. Porém, o grande projeto e propósito de Deus através das várias dispensações, é libertar a humanidade e o universo de todas as rebeliões, de tal forma que os agentes dotados de livre arbítrio, estejam voluntária e permanentemente sujeitos a Deus, a Cristo, e ao Espírito Santo” (OLSON, 2004, p. 35).

A Dispensação do Governo Humano.

Esta dispensação é assim chamada por causa das leis humanas, e governos que foram instituídos, para regular a vida dos homens após a longa era de liberdade de consciência. Deus deu a Noé determinadas leis para que tanto Noé quanto sua família e todos os seus descendentes fossem governados por elas. O homem passou a ser responsável pelo seu próprio governo (Gn 9.1-19).

O início e a duração da Dispensação.

Esta dispensação teve uma duração de 427 anos. Iniciou-se logo após o dilúvio e estendeu-se até o chamado de Abraão (Gn 8.15-19; 9.18-19; 11.10-32; 12.1-3). Após o dilúvio a nova vida da raça humana sobre a terra, começa com um ato de adoração (Gn 8.20). Esta é a primeira referência a um altar nas páginas das Escrituras.

Após o dilúvio as bênçãos de Deus são dirigidas ou impetradas sob Noé e seus filhos, que surge agora como segundo cabeça da raça humana (Gn 9.1). Novas leis foram dadas, nova aliança, promessas de bênçãos, domínio da terra e responsabilidade sobre si mesmo para sempre (Gn 8.15,22; 9.3, 8-12).

A necessidade.

Os governos humanos fazem parte de um governo moral de Deus e são necessários para a preservação da sociedade humana na terra (Rm 13.1-7; I Pe 2.13-14). Na dispensação do governo humano, várias leis foram dadas e o governo foi estabelecido por Deus, com o homem agora sendo responsável por reinar ou administrar para o bem de todos.

Sem a existência, execução de leis e punição, nenhum governo pode durar muito tempo. Elas são necessárias para punir criminosos sejam indivíduos ou nação (Rm 13.3-4).

Após o dilúvio, Deus deu início a uma nova geração por intermédio da família do patriarca Noé. Deus prometeu que nunca mais destruiria a terra com um dilúvio e deixou um sinal no céu, como memorial do seu pacto com a humanidade. Deus também estabeleceu o governo humano, visando a preservação da vida e a não proliferação do pecado.

Referências:

- ANDRADE, Claudionor de. **O Começo de Todas as Coisas**. CPAD.
- CHAMPLIN, R. N. **O AT Interpretado Versículo por Versículo**. HAGNOS.
- HOFF Paul. **O Pentateuco**. VIDA.
- OLSON, Laurence. **O Plano Divino Através dos Séculos**. CPAD.